

COGUM

Escrito por
Maurício Chades

© Todos os direitos reservados

mauricio@lenilenileni.com | lenilenileni.com

+55 61 84118829

"Produto" apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Audiovisual.

Orientador | Me. André Gonçalves da Costa

Brasília, Julho, I/2013

COGUM

Ao meu pai. À minha avó.

STORYLINE

No velório de Tonin não há caixão, tampouco ele é enterrado. O ritual de morte, que não foi concluído, faz o cadáver voltar para casa e viver um último cotidiano.

Experiências com membros da família em luto serão provocadas pelo morto, que deverá se autoenterrar até o próximo nascer do sol.

1 **EXT. CEMITÉRIO - DIA**

A grama, bem aparada, bem verde, foi molhada recentemente. O brilho das gotas de água na grama refletem na imagem.

Esta cena acontece em um único plano, um *plongée* "perfeito", ou seja, quando a CÂMERA está completamente virada para baixo, sem angulação. O *plongée-perfeito* será um termo técnico recorrente no roteiro para conceituar esse plano frequente em *Cogum*.

Ouve-se o som de uma pá cavando a terra. O som, não-diegético, não tem relação direta com a imagem.

Sobre a grama, a silhueta de um caixão está desenhada com fita branca. A fita é um alto-relevo sobre a grama, lembrando os "círculos nas plantações", supostamente feitos por alienígenas, tão presentes nos noticiários do século XX.

O som da cavação cresce lentamente, acompanhando o ritmo morto da cena contemplativa. Em um clímax da amplitude sonora:

CORTA PARA TÍTULO:

COGUM

2 EXT. CEMITÉRIO - DIA

Cerca de 20 pessoas seguem dois jovens que levam um cadáver em uma maca. PEDRO, 22 anos, e MAURÍCIO, 20, empurram a maca com o corpo do pai, exposto ao sol. Não há caixão.

Maurício tem os cabelos cacheados, pouco aparados e uma trança fina sai da parte baixa desse emaranhado na cabeça. Usa um bigode bastante destacado, que lembra o bigode de Freddie Mercury. O grupo presente no velório opta por roupas sóbrias, vários usam preto. Maurício não separou a vida da morte e veste suas roupas de sempre: camisas marcadas por estampas pop, bermuda e tênis. Óculos escuros preservam saber quando Maurício chora ou não.

Pedro se diferencia pela cabeça completamente raspada. Veste esporte fino – mais de acordo com a ocasião que Maurício.

TONIN, 58 anos, o morto, está trajado para a cerimônia: camisa listrada, calça e sapatos pretos. O cabelo, excessivamente penteado para o lado, encharcado de gel fixador, revela um tratamento estético grosseiro feito pelo serviço funerário.

O sol ostensivo de meio-dia leva as pessoas a se protegerem com guarda-chuvas, chapéus e a palma das mãos.

Um terço deles chora silenciosamente. Outros apenas são discretos e respeitosos.

Os mais próximos choram apenas com lágrimas, poupando a voz ou gestos grandiosos. A mãe de Tonin, DOLORES, 85, chama atenção por gritos desesperados, doloridos. A voz está rouca de tanto gritar. A esposa de Tonin, LAVINA, 45, tenta acalmá-la.

LAVINA

Por favor, dona Dolores. Todo mundo já tá sabendo que a sua dor é a maior.

Impaciente, Lavina trata-a como uma criança barulhenta, sugere querer tapar sua boca. Consegue controlar a velha, pedindo que faça silêncio, levando o dedo indicador à frente dos próprios lábios. A situação é tragicômica.

3 **EXT. CEMITÉRIO - DIA**

Debaixo de uma figueira robusta, um hexágono em formato de caixão está marcado sobre a grama, o traço é de desenho técnico. Será o local do túmulo.

Na base da árvore, sobre as raízes ostensivas que penetram o chão, vários cogumelos brotam.

A maca se aproxima do local do túmulo. A pele de Tonin, maquiada pelo serviço funerário, rebate a luz abundante do sol a pino.

A cabeça se movimentava com as trepidações da maca arrastada em rodinhas sobre o asfalto poroso.

Chega a hora de colocar o corpo sobre o caixão-desenho. Dolores consegue ser mais histriônica em seu choro e se agarra ao corpo do filho, derrubando-o no chão.

A cabeça do cadáver bate no chão quando Pedro e Maurício conseguem segurar apenas as pernas. O impacto provoca um baque seco e de grande amplitude no ambiente silencioso. A testa do morto fica arranhada, mas não sangra.

Lavina e a filha, MARIANA, 21, puxam a idosa para que Maurício e Pedro possam carregar o corpo ao "túmulo".

Maurício segura o corpo pelos braços e Pedro segura pelas pernas. Eles colocam o corpo sobre o hexágono. A CÂMERA acompanha o movimento do corpo até a grama, penetra o chão, revelando areia e rochas, e volta ao nível do corpo na superfície, em um "efeito elástico". A cova não está cavada, a câmera ainda não pode imergir no chão.

Todos formam um semicírculo e jogam algumas poucas flores durante o último ato do enterro-sem-caixão, sem padre ou pastor. Algumas flores acertam o rosto de Tonin com alguma força.

O sol continua alto e Tonin é deixado no cemitério, no seu túmulo sobre a grama.

4 EXT. CEMITÉRIO - DIA - NOITE

A pele parece sofrer com o sol intenso. A luz frontal a Tonin diminui os detalhes do rosto. Quando a pele é um "clarão", boca e olhos são órgãos melhor distinguíveis no rosto.

No mesmo plano, o clarão diminui, tornando-se mais difuso e sugerindo o sol ser encoberto por uma nuvem no extracampo. Percebe-se alguma vermelhidão na pele.

5 EXT. CEMITÉRIO - ENTARDECER

O sol sai do centro do céu aos poucos (em *time-lapse*). Sombras começam a aparecer a partir da luz diagonal, que evidencia melhor as rugas de Tonin, marcadas pelos quase 60 anos e pela magreza forçada pela doença que o matou.

A grama ganha sombras, tornando-se um padrão visual com intervalos de verde e preto, cor e não cor.

O sol desaparece entre os prédios, mas a luz continua, rebatida no céu – é a "hora mágica".

Os postes, automáticos, acendem lentamente ao perceber a luz do sol diminuir.

6 EXT. CEMITÉRIO - NOITE

CÂMERA em *plongée*-perfeito: Tonin abre os olhos. Os olhos abrem como um reflexo do corpo que parece ainda estar morto, pois Tonin demora a manifestar algo além disso.

Tonin levanta cambaleando.

Vemos o morto rondar por entre túmulos e árvores, incerto da direção.

Tonin chega ao portão principal do cemitério, uma grade metálica e grandiosa. Ele ainda verifica o cadeado, certificando-se que está fechado.

O morto escala a grade com dificuldade. Ao pular para o outro lado, escorrega e cai, levantando poeira. Fica no chão arenoso, não insinua nenhuma intenção de levantar. Novamente *plongée-perfeito*, uma analogia entre o Tonin deitado na grama e o Tonin deitado na areia.

7 EXT. PARADA DE ÔNIBUS - NOITE

Tonin em uma parada de ônibus em paisagem deserta. O cemitério não fica dentro da cidade. Poucos carros passam. Os faróis dos carros iluminam o rosto de Tonin ao se aproximarem dele, e o escurecem, ao se distanciarem.

Tonin, de modo geral, é uma personagem impotente. Ao longo do filme, poucas vezes provocará a ação.

Um ônibus para, mesmo que não tenha sido solicitado. As portas se abrem e Tonin sobe. A CÂMERA entra com Tonin no ônibus, que segue viagem.

Tonin fala com olhar distante, provavelmente para um motorista ou cobrador, que não serão revelados na imagem, nem ganharão falas.

TONIN

Eu não tenho dinheiro.

A paisagem escura, pouco iluminada por alguns postes, passa atrás de Tonin na porta de vidro do ônibus.

Vemos, do lado externo, o ônibus em alta velocidade reduzir lentamente. O ônibus para e retoma a viagem. Tonin é revelado quando o ônibus sai, destampando-o. O morto, imóvel, só é melhor percebido quando um carro passa e o ilumina-escurece com o farol.

8 **EXT. ESTRADA - NOITE**

Tonin anda no acostamento da estrada escura com um braço levantado para a pista, pedindo carona. O movimento de Tonin é quase robótico: ele ergue o braço e o deixa lá, imóvel, no "piloto automático", não importando se algum carro está vindo ou não.

Deixa o braço erguido por longos intervalos entre um carro e outro. Não olha para trás para saber se algum automóvel está vindo.

Um carro passa em alta velocidade, mas surpreende, freando bruscamente a 200 metros de Tonin. O morto abaixa o braço e acelera o passo em direção à possibilidade de carona. Acelera minimamente, perceptível em contraste com a inação de antes.

Tonin está a 20 metros de alcançar o automóvel, quando este irrompe acelerado, lançando poeira contra o morto.

9 **INT. CASA DE TONIN - NOITE**

CÂMERA em *plongée-perfeito*: todos os cômodos da casa são compreendidos no quadro. Uma vista de cima permite uma casa "sem teto". A tela parece quase completamente escura, apenas alguns pontos de luz são percebidos. A luz do luar invade a casa nas poucas brechas entre cortinas. Em um quarto, percebe-se o acender e apagar de um pisca-pisca. Na sala, a televisão está ligada, iluminando Mariana no sofá. Também na sala, o monitor do computador tipo *desktop*, ilumina Pedro.

O som da geladeira é predominante no ambiente.

10 **INT. TAXI - NOITE**

Percebemos tratar-se de um taxi pelo taxímetro sobre o painel do veículo. Tonin está sentado no banco do carona, ao lado do motorista.

Tonin olha para fora, enquanto as luzes dos postes (estilizadamente amarelas) são projetadas em seu rosto. O lado de fora já é uma cidade, tão deserta como a estrada da cena 8.

O TAXISTA, 70 anos, é energético e tagarela. O interior do veículo é marcado pelo excesso de objetos *kitsch*, como fitas penduradas nos espelhos e fotos de família grudadas no painel que se misturam aos santinhos de imagens católicas.

O Taxista fala sozinho. Ao perguntar algo a Tonin, preserva o silêncio que poderia se preenchido por uma resposta do morto e então segue o diálogo como se tivesse obtido alguma resposta.

TAXISTA

Minha velha não deve
lembrar a minha cor. A cor
do meu pau. Acho que não
falo com ela desde sábado.
Ela acorda tarde e dorme
cedo. Não trabalha. Eu
trabalho demais. Acordo
quando ela tá dormindo e
ela dorme antes de mim.

(MORE)

TAXISTA (CONT'D)

Ela fica o dia todo com as plantas, os 5 gatos, as panelas. Ela cozinha todo dia pra 4. Pra ela, pra mim que não tô lá, e pros nossos filhos que não moram com a gente. Acho que ela tá ficando doida. Melhor jogar dinheiro fora com essa comida que apodrece, que brigar com a velha. Para onde estamos indo mesmo?

Tonin não responde. O silêncio dura.

TAXISTA (CONT'D)

Deve ser longe, né. Parece que vai ficar caro, de qualquer forma. Vou seguindo a principal até intuir o percurso certo. Ou até que você resolva falar.

Novamente o silêncio dura. Tonin descola os lábios, quase fala.

Tonin solta a fivela do cinto de segurança, abre o vidro e projeta o corpo para fora do carro, contra o vento. Trata-se de uma referência explícita à cena análoga no curta-metragem "Um Copo d'Água"(Brasil, Maurício Chades, 2011).

11 EXT. RUA DA CASA DE TONIN - NOITE

O taxi aparece, distante, no fim da rua deserta e se aproxima lentamente, na primeira marcha, da casa de Tonin. As luzes dos postes recebem estilização na tonalidade amarela, uma referência à amarelidão da pele hepática de Tonin, a ser revelada pós-banho (cena 15). Em todas as cenas externas sob as luzes dos postes, será preservada a estilização da cor amarela.

O taxi finalmente alcança a CÂMERA e para na frente da casa de Tonin. O morto abre a porta do taxi e coloca um pé de cada vez para fora do carro. Entra na área da frente da casa, através da porteira na grade que separa o terreno da rua. Enquanto o taxista espera Tonin voltar com o pagamento, o morto bate em uma janela da faixa da casa, chamando Lavina. Tonin dá três batidas específicas, como um código interno, e volta para fora, próximo ao Taxi.

O Taxista olha perplexo para Tonin, que o encara – não entende a situação. Passados alguns instantes, quase minutos, a porta da frente se abre e Lavina aparece de camisola branca.

Lavina entre Tonin e o Taxista, que permanece dentro do veículo, com o vidro baixo. Olha de um para o outro, esperando uma explicação. Seu rosto revela cansaço extremo e uma maquiagem borrada pelas lágrimas e pelo atrito com o travesseiro.

LAVINA

Que!?! (*Ela espera uma resposta antes de continuar. Não obtém.*) Prefere não falar? Eu sei que é óbvio, que eu posso subtender, que isso já aconteceu várias vezes e pode parecer repetitivo você ter que explicar de novo, mas você também pode ser educado e pedir.

A essa altura, Tonin já não acompanha o debate. Observa a lua cheia surgindo sobre a copa das árvores e cobertura de prédios.

TAXISTA

Deu 60 reais, minha senhora.

Lavina diminui a hostilidade bruscamente.

LAVINA

Poxa, moço. E passa cartão? Tá difícil esse mês. Tanto gasto com a morte do meu marido.

TAXISTA

Meus sentimentos, senhora.
Passa cartão, sim.

Tonin continua fixado à lua, enquanto Lavina efetua o pagamento. O taxi vai embora. Lavina olha para Tonin de costas, olha para a cabeça recortada pelas luzes dos postes – a cabeça em um formato e iluminação semelhante à lua cheia. Lavina se esforça para manter a calma ao falar com Tonin. Não quer parecer sentimentalmente vulnerável.

LAVINA

Custava pedir desconto?

TONIN

Custava pedir desconto?

LAVINA

Caixão, 3000 reais. Túmulo, 3000 reais. A lápide ainda não tá pronta, mas já tá paga, 200 reais. Mais 30 reais a manutenção mensal do cemitério.

TONIN

Não economizou com o caixão? Ou já tá pago?

Tonin nunca deixou de olhar a lua. Ela observa para onde os olhos dele se dirigem. Ela olha a lua e olha para ele. Os olhos vão enchendo d'água, mas ela resiste chorar ou expressar qualquer sinal de fraqueza. Preserva uma face dura que se contrapõe aos olhos emotivos.

TONIN (CONT'D)

Desculpa.

12 **INT. QUARTO DE LAVINA - CASA DE TONIN - NOITE**

Lavina está espalhada sobre a cama de casal. O lençol que cobre a cama tem estampas em tiras brancas que lembram o desenho de caixão sobre a grama (cena 1-6). A falta de movimento de Lavina e a expressão corporal tão "entregue" à cama fazem-na ela parecer morta.

Mesmo no quarto, de porta fechada, percebe-se o ruído da geladeira, evidenciando o silêncio da casa e da rua.

Tonin está sentado em uma quina da cama, tímido. Em um espaço mínimo, está desconfortável. Não tenta conquistar mais espaço.

Em frente à cama, e para onde Tonin olha, está uma televisão grande desligada. Entre a televisão e Tonin, uma vela de novena está acesa.

O quarto se ilumina pela pequena chama da vela e pela luz dos postes, que atravessa o tecido fino da cortina.

Depois de longa duração de inação de ambos, Lavina senta na cama. Levanta, anda no quarto. Evita olhar Tonin ou interagir com a presença dele. Lavina vai até a vela e verifica se está tudo bem. Levanta a vela do pratinho que lhe serve de base. Inclina a vela para despejar o excesso de cera derretida, mas erra, derramando um pouco de cera na unha do dedão. Ela não se incomoda.

Lavina volta a se espalhar sobre a cama. De bruços, observa a cera tornar-se sólida na unha. Paciente, Lavina raspa a cera sólida da unha com outra unha.

LAVINA

Sai daqui, Tonin. Por favor.

Ele continua com o olhar fixo na tela preta.

LAVINA (CONT'D)

Quero ficar sozinha. Respeita
a minha dor.

13 **INT. CORREDOR - CASA DE TONIN - NOITE**

Tonin está imóvel no corredor. É quase uma sombra sem face definida no ambiente mais escuro da casa.

O olhar de Tonin segue o ponto de fuga do corredor, que culmina em um ambiente completamente escurecido que mais tarde se revelará a cozinha da casa.

A CÂMERA passeia com o olhar de Tonin, curioso com o que pode ser revelado nos ambientes ocultos:

Uma porta entreaberta, de onde sai uma música ambiente em volume baixo.

A luz da televisão, intensa, vem da sala. Também vem da sala o barulho do teclado do computador, utilizado por mãos nervosas, que teclam com pressa. O som do teclado compete com o ruído da geladeira que, no corredor, está mais acentuado que no quarto de Lavina.

Por fim, o choro dramático de Dolores atravessa a porta fechada de um quarto.

14 **INT. BANHEIRO - CASA DE TONIN - NOITE**

Tonin contempla, imóvel, a própria imagem no espelho da pia. Distraído, não percebeu a presença do gato, OZU, que o surpreende, pulando na pia, pedindo água. Tonin liga a torneira, ciente do código do gato. O gato bebe a água, satisfeito.

Enquanto o gato bebe a água, cujo barulho de queda na pia se torna marcado, contrastando com o silêncio, Tonin volta a investigar a própria aparência. Ele toca o rosto na região onde se percebe que um bigode foi raspado.

Tonin abre a boca. Examina o interior, as gengivas. Percebe restos ressecados de sangue entre os dentes e as gengivas.

Tonin despe a camisa. Apalpa a barriga, o peito. Percebe a pele excessivamente enrugada: sobras de pele pós-cirurgia. Percebe marcas de agulha.

A água continua correndo na pia e o gato não está mais lá. O ruído pontual do filete de água que cai na pia se transforma em um som mais robusto, da água caindo do chuveiro. Tonin não percebeu quando o gato chegou e, agora, não percebeu a saída.

15 **INT. BANHEIRO - CASA DE TONIN - NOITE**

O chuveiro está aberto na potência máxima. O vapor d'água sobe, tornando o ambiente em um clarão, no qual as formas são difusas, dificultando a visão. Tonin é uma silhueta dentro do box de vidro.

Imóvel, debaixo da água quente, Tonin olha para os pés, que imergem na água e espuma branca do sabão. O ralo está entupido e a espuma sobe, cobrindo os pés de Tonin, lentamente.

Tonin desliga o chuveiro e sai do boxe. Fica sobre o tapete, nu, esperando a água escorrer. Não se cobre com toalha. A água escorre do corpo e encharca o tapete. Em um gesto, Tonin penteia os cabelos com as mãos, levando mais água a escorrer.

Imóvel, Tonin encara o espelho embaçado. Com uma mão, limpa um frestinha do espelho onde pode ver o rosto lavado, sem maquiagem. A pele de Tonin está bastante diferente de antes, agora, totalmente amarela. Os olhos também estão amarelados.

Tonin sorri, revelando todos os dentes, utilizando todos os músculos da face. Observa novamente as gengivas e percebe que, agora, pós-banho, algum sangue resolveu escorrer. Ele contém o sangramento mínimo com papel higiênico.

16 **INT. CORREDOR - CASA DE TONIN - NOITE**

Tonin veste a mesma roupa, excluindo o cinto da calça e os sapatos pretos – agora está descalço. Como não se secou, a roupa está marcada de água. O morto agora está com a roupa amarrotada, a camisa com poucos botões fechados. A mesma personagem, que estava imóvel no banheiro, está agora imóvel no corredor.

O gato ronrona entre as pernas de Tonin.

O choro de Dolores foi reduzido a soluços pouco perceptíveis, quando a geladeira encobre outros sons.

17 INT. SALA - CASA DE TONIN - NOITE

A televisão está enquadrada – a tela preenchendo a "tela". A televisão está no "mudo", enquanto imagens de um canal da TV a cago sobre *pets*, passam. O programa é sobre gatos.

A televisão está muda, contrapondo-se ao som do teclado do computador, que vem do extracampo.

PROGRAMAÇÃO DA TELEVISÃO:

O programa parece explorar a imagem dos gatos como animais selvagens. Um gatinho doméstico está no meio da selva, caçando outros animais. Ele consegue pegar um rato e o mata. As imagens agressivas se contrapõem, na edição, com imagens de estúdio, em que mãos humanas fazem carinho nos mesmos gatos que aparecem na "selva". Os gatos se entregam ao afeto.

Mariana parece hipnotizada pela televisão. As luzes são marcadas no seu rosto, contrastadas com a escuridão da sala. Mariana olha diretamente para a televisão, mas parece olhar para a CÂMERA, que é posicionada frontalmente a ela, encontrando o seu olhar. A televisão e o monitor do computador são as principais fontes de luz e alguma luz de poste ainda atravessa as cortinas.

Mariana veste-se para sair. Maquiagem pesada, composição de roupas elaborada e salto alto para esperar o namorado.

O salto agulha é uma tentativa de ganhar mais altura. Mariana tem baixa estatura, como o pai.

O gato está sentado na janela, ora mira a TV, ora mira a rua.

Um aquário com água, sem peixe, ao lado da TV, também reflete as luzes da televisão. Sobre o rack que suporta a TV e o aquário, também tem lugar de destaque uma garrafa de cachaça artesanal de banana.

Acompanhamos a perspectiva de Mariana, que dedica toda atenção à televisão. Assim como ela, não percebemos quando Tonin sentou ao seu lado no sofá. Tonin também mantém o olhar fixo na televisão.

Agora, Mariana e Tonin olham diretamente para a CÂMERA.

Em um plano, Mariana, Tonin e Pedro cabem no enquadramento – todos concentrados em alguma das telas: a televisão ou o computador.

Tonin contempla a televisão demoradamente com Mariana, até que resolve puxar assunto. Tonin e Mariana não trocam olhares durante o diálogo – permanecem fixos à televisão.

TONIN

O que tá acontecendo?

MARIANA

Que?

TONIN

O que tá passando?

MARIANA

Não sei. Não tenho certeza.
Tá no mudo.

TONIN

Você tá com o controle?
Onde tá...

Mariana interrompe.

MARIANA

O que é? Não é pra mudar de canal. Você quer conversar agora? Sente culpa ou quer conversar? Sente falta de algo?

PROGRAMAÇÃO DA TELEVISÃO:

Os dois continuam assistindo ao programa: agora, uma cientista investiga, em laboratório, a arcada dentária de um gato. Mergulha a arcada em diversos líquidos diferentes, com as devidas ferramentas. Diferentes imagens de raio-x da arcada dentária passam na TV.

TONIN

Você tá mesmo noiva?
Aquele almoço era de
verdade? Ou era mais uma
formalidade pré-morte?

MARIANA

Eu vou casar.

TONIN

Você vai querer que um dos
seus irmãos entre com você?
Igreja?

MARIANA

Não sei.

Tonin desiste do diálogo e investe no toque. Acaricia a mão de Mariana, que a retira apressadamente. Tonin insiste, com delicadeza. Tonin conquista a mão de Mariana aos poucos, com carícias leves até que consegue segurar a mão da filha. Os carinhos cessam, enquanto Mariana e Tonin continuam concentrados na televisão. As mãos apenas encostam, mas não interagem.

18 INT. SALA - CASA DE TONIN - NOITE

O monitor do computador é enquadrado, preenchendo a tela. O barulho do teclado é mais marcado, perto da fonte.

TELA DO COMPUTADOR:

Um navegador de internet preenche o monitor. Diversas abas se aglomeram. Balões de chat são estrategicamente distribuídos, a fim de um melhor aproveitamento de espaço. Todas as conversas são despretensiosas e informais. Pedro se apressa em responder rápido um balão de chat e não deixar outro esperando por muito tempo.

Pedro clica nos links que são passados no chat e devolve outros. São imagens com legendas, gifs, vídeos curtos – de modo geral, conteúdo envolvido de comédia. Pedro abre os links de vídeos e não assiste a eles inteiros, acelera, pulando o vídeo pelo player. Apressa-se em voltar ao chat e rir ("ahsdufuhas", "ahsdfahaauahuaa").

As luzes do monitor são marcadas no rosto de Pedro, contrastadas com a escuridão da sala. Pedro olha diretamente para o monitor, portanto, olha para a CÂMERA. A partir daqui, quando a imagem é um contraplano do monitor enquadrado, nos surpreendemos com a presença de Tonin que, em pé, atrás de Pedro, é uma sombra sem cabeça no quadro que prioriza o filho sentado. Pedro não percebe a presença do pai.

Pedro está apenas de cueca na escrivaninha do computador. Sobre o tampo de vidro, estão embalagens vazias de chocolate, canecas sujas e canetas em uma desorganização generalizada.

19 **INT. COZINHA - CASA DE TONIN - NOITE**

Tonin acende a luz da cozinha. O clarão é mais perceptível em contraste com os ambientes escuros que predominaram no filme até então.

A cozinha é o maior cômodo da casa. Por ser uma cozinha de família e por ser a cozinha de Tonin, é bem equipada, comportando alguns instrumentos industriais. Tonin é cozinheiro.

A organização das diversas facas de corte, frigideiras de todos os tamanhos e vários medidores de ingredientes denotam um cozinheiro perfeccionista.

O ruído da geladeira passa a ser mais potente que o do teclado, predominante na cena anterior. Estamos próximos da fonte de ruído que envolve várias cenas do filme, a geladeira, como ainda não estivemos.

Durante a cena, contemplamos a ação de Tonin em uma aproximação mimética do "tempo real". Os cortes, quando ocorrerem, servirão mais a uma mudança de olhar em função do espaço que em função do tempo. Elipses devem ser evitadas.

Tonin pega no armário uma tábua para cortar os ingredientes e a coloca sobre a mesa. Também separa uma faca para o corte.

Tonin abre a geladeira e mantém-se imóvel diante dela durante um tempo. A vista interior da geladeira revela a predominância de comida congelada ante uma variedade escassa de ingredientes.

Tonin pega queijo, presunto, pepino, cebola, mostarda, mel e pão preto. Ele organiza com cuidado os ingredientes sobre a mesa, em uma composição criativa com a tábua de corte.

Um *plongée-perfeito* permite uma visão organizada sobre a lógica traçada por Tonin para o preparo do sanduíche que planeja fazer para Pedro.

Contemplamos Tonin preparar, um a um, os ingredientes: fatiar o queijo, fatiar o presunto, fatiar o pepino, cortar a cebola em rodela e fatiar o pão com uma faca elétrica própria.

Contemplamos a montagem do sanduíche: a mostarda ser misturada cuidadosamente com o mel em um recipiente até tornar-se uma mistura homogênea; o molho mostarda e mel ser passado nas duas fatias de pão; presunto e queijo serem aquecidos em uma frigideira e posteriormente serem colocados sobre uma fatia de pão; o pepino ser colocado sobre o queijo e presunto; a cebola fatiada ser colocada sobre o pepino;

e o orégano ser salpicado ao final e, então, a segunda fatia de pão fechar o sanduíche.

O sanduíche é visualmente atraente, como um sanduíche *gourmet*.

20 **INT. SALA - CASA DE TONIN - NOITE**

Pedro olha para o monitor (olha para a CÂMERA) e Tonin entra em quadro atrás de Pedro, segurando o prato. Tonin coloca o prato com o sanduíche sobre a mesa do computador, ao lado do teclado. Pedro não demonstra perceber as manifestações do pai, não desviando o olhar do computador em nenhum momento.

Pedro surpreende, falando sem entusiasmo:

PEDRO

Obrigado, papai.

21 **INT. SALA - CASA DE TONIN - NOITE**

A CÂMERA está direcionada para as telas da televisão e do computador, abordando Mariana, Tonin e Pedro pelas costas. Os três concentrados em algum dos monitores.

Pedro come o sanduíche com uma mão e, com a outra, continua digitando. O barulho do teclado é mais lento e menos acentuado em função disso.

Pedro deixa molho pingar no teclado e também caem migalhas de pão e pedaços de pepino.

PROGRAMAÇÃO DA TELEVISÃO:

Na televisão: veterinários limpam os dentes dos gatos; gatos atacam cachorros; veterinários cortam unhas dos gatos; gatos atacam humanos; gatos se debatendo dentro de gaiolas.

Percebemos que um carro estaciona na frente da casa, por meio do som do automóvel fora de quadro. Ozu, ainda deitado na janela, olha para fora. Mariana gira a cabeça, mantendo o corpo ainda virado para a televisão. Mariana levanta e sai desequilibrando-se, pouco acostumada com o salto.

Tonin continua concentrado na televisão, Pedro, no computador.

22 **INT. QUARTO DE DOLORES - CASA DE TONIN - NOITE**

A mão de Tonin, nervosa, está insegura se gira a maçaneta do quarto de Dolores ou não. Por meio da porta, os soluços de Dolores, pós-choro, são ouvidos. Tonin abre a porta e entra no quarto, fechando a porta atrás dele.

A fonte de luz do quarto é um pisca-pisca, distribuído em um oratório sobre uma mesa.

Entre luz e não luz, Tonin percebe as próprias mãos, movimenta-as diante dos olhos. O movimento das mãos interrompido pelos intervalos de luz distrai Tonin.

Dolores soluça, chorando na cama. Ela está deitada de bruços, esgotada. O corpo sem movimento. O travesseiro contra o rosto acumula lágrimas e catarro.

Tonin observa Dolores entre os intervalos de luz. Enquanto a imagem é interrompida pela escuridão, o som é contínuo.

Tonin observa o quarto da mãe: retratos de santos, de todos os tamanhos, pendurados na parede, disputando espaço, emoldurados em diferentes suportes de estética variada; porta-retratos com fotos antigas, retratos individuais, retratos em família; porta-retratos vazios, sem fotos, e outros que ainda preservam a foto de demonstração (com famílias "brancas" felizes).

Dolores preserva a roupa preta do velório, quando todos na casa já se vestem diferente. Os sapatos deixados à beira da cama. Os pés descalços com calos vermelhos.

Dolores fala com Tonin, repentinamente, sem demonstrar ter percebido a presença dele previamente.

DOLORES

Acho injusto. Foi muito cruel. Desnecessário. Três anos morrendo. Era tão forte, não restou nada. Levou João Carlos. Porque tinha que ser com seu irmão mais novo? Meu caçula. Já não conseguia andar. A gente tinha que limpar tudo dele, toda hora. A metástase uma semana antes de morrer. A gente ficando feliz depois de uma cirurgia. Removia um tumor de um lado e aparecia outro em outra parte do corpo. Sangue maldito. Uma semana em que ele esteve mais que morto. Meu filho tão bonito e forte, ali careca, pele e osso. Minha impressão é que não tenho mais nenhum filho. Todos vocês morreram. Eu não precisava ter visto todos vocês morrerem. Agora estou completamente sozinha.

TONIN

Márcia e Teresa ainda estão vivas. Não foram todos os seus filhos que morreram. Por favor...

DOLORES

(ela continua, ignorando a intervenção de Tonin) e como vai ser daqui em diante, até eu morrer? Aposto que sua mulher vai me colocar pra fora, no máximo em um asilo público. Quando eu morrer, ninguém vai ficar sabendo, não vai ter ninguém no meu velório. Já me levaram tudo que eu tinha.

Tonin senta na cama, Dolores também. Ela continua falando, se espremendo contra o peito do filho. Ele a envolve com um braço, por obrigação, sem vontade real de abraçar. Abraça sem afeto.

TONIN

Márcia e Teresa ainda estão vivas e você poderia tranquilamente morar com elas se quisesse.

Novamente ,Dolores não ouve.

DOLORES

Tava lembrando hoje de quando seu pai morreu. Foi sempre assim. Me é tirado algo diante das minhas vistas, para que eu sofra mais.

Tonin, cansado do excesso melodramático da Mãe, responde com ironia.

TONIN

Sim. Algo é tirado "de você".
A gente morre para que "você sofra mais".

Dolores continua. Agora, olha para um retrato dela e do marido quando jovens. O retrato foi colorido artificialmente.

DOLORES

Era tão bonito o meu velho.
Um gatão. Você lembra de Vivico, seu gato?

TONIN

Vivico.

DOLORES

Aquele gato gordo. Ele tinha pegado uma preá grande, bonita. Aquele nosso quintal, grande. Tinha coqueiro. Você tomou a preá de Vivico, preparou para nós e não deu nenhum pedaço pra ele. Daí você fez uma armação para pegar outra preá. Na frente da garagem. Drufus e Drina tavam lá latindo, cinco horas da tarde. Você e Vivico concentrados na armação. Eu tive que ir até os cachorros ver o que era. Eles tavam lá, latindo, escondendo algo. Ele tava lá caído entre os dois cachorros.

TONIN

Meu pai?

DOLORES

Meu marido. Vermelhinho. Elias. Ele, muito forte... mas consegui levantar ele. Ligaram pra João Carlos.

(MORE)

DOLORES (CONT'D)

Vocês colocaram ele no
carro. Nunca mais voltou.
Vivico ficou sem a preá.
Morreu sem doença. Sem
despedida.

TONIN

Sem doença, menos pior.

DOLORES

O violino dele ali. Só o que
restou. Quase todo dia ele
trazia os amigos pra ficar
tocando.

Tonin olha para um *case* envelhecido de violino
sobre um armário.

DOLORES (CONT'D)

Parece que eu que te matei.
Eu que não te dei melhor
escola. Não te ensinei a se
cuidar. Não te ensinei a
ganhar mais dinheiro para
pagar um plano de saúde.
Parece que não te dei
chance nessa vida.

TONIN

Por favor...

DOLORES

Acho que foi Lavina que te matou. Aquela viciada em remédio. Se não fosse tão desesperada, você não se assustava tanto toda vez que ela quisesse te levar pro hospital. E toda vez que você furou ir ao hospital, poderia ter ido. Com antecedência, perceberia a doença. Não ia deixar pra descobrir só quando já era terminal. Antes fosse Lavina ser só essa esposa ruim. Ela não te serviu. É mãe ruim também. Cozinha mal.

Dolores ainda fala quando Tonin já saiu do quarto. Nem ela, nem o público perceberam quando ele saiu. Tonin preservava a indiferença, mantendo o padrão da inação que vem sustentando. As críticas a Lavina o deixaram moderadamente incomodado.

23

INT. QUARTO DE MAURÍCIO - CASA DE TONIN - NOITE

O *plongée*-perfeito enquadra toda a cama de Maurício.

Maurício está deitado com a barriga para cima, com as mãos cruzadas sobre o peito, como um cadáver em um caixão. Ele veste uma camisa folgada e bermuda.

O quarto parece desocupado: a cama e uma mesinha são os únicos móveis. Algumas caixas de papelão são acumuladas nos cantos do quarto. Sobre a mesinha, um macbook toca *Hexagon*, faixa de "Selected Ambient Works vol. II", do Aphex Twin.

Alguma luz vem do banheiro do quarto, onde uma lâmpada está acesa. A porta do banheiro, semiaberta, serve de máscara para a luz, promovendo um recorte duro nela.

Tonin entra em quadro, sentando no pé da cama de Maurício. Maurício finge dormir – percebe-se pelas pálpebras nervosas, que tremem, querendo abrir.

CORTA PARA:

SEQUÊNCIA CACHAÇA DE BANANA

24 **INT. AVIÃO - DIA**

As mãos de Maurício passam as páginas de um livro de fotografia. Maurício passa as páginas com cuidado, contempla cada foto, demorando para passar para a próxima página.

Agora, Maurício está sem bigode. Diferente do "tempo presente" (cena 23).

O livro é grande e tem acabamento de luxo. As fotografias são de paisagens minimalistas, em preto e branco. Trata-se do ensaio "mínimo-comum", de Flora Egécia (www.behance.net/gallery/minimo-comum/615900).

Maurício troca de página 5 vezes, obrigando o espectador a ver as 5 imagens no tempo que ele impõe.

25 **INT. AEROPORTO - DIA**

Acompanhamos a mala de Maurício ser levada pela esteira de *checkout* do aeroporto. Percebe-se uma mancha em um canto da mala — algum líquido está vazando. A mala atravessa um túnel escuro e alcança a luz no fim dele. Passando pela luz, a mala está na sala de *checkout*.

Maurício reconhece a mala, de longe, mas não se desloca até ela. Espera ela chegar a ele, lentamente.

Maurício pega a mala e sai em passo acelerado, puxando-a em direção à porta de saída. Maurício reduz o passo bruscamente e então para. Ele se abaixa até a mala e aspira com veemência, percebendo um cheiro estranho. Ele passa a mão sobre a mancha molhada na mala.

MAURÍCIO

Merda.

26 EXT. AEROPORTO - DIA

Maurício caminha em direção ao ponto de taxi do aeroporto. Próximo da porta de saída, já é abordado por um taxista pirata, que vende o próprio serviço de forma agressiva. O taxista abraça Maurício, passando um braço por cima dos ombros do cliente. Ele se apressa a tomar de Maurício a mala e a bagagem de mão.

O taxista aparenta mais de 50 anos e possui um "bigode de Freedy Mercury".

TAXISTA PIRATA

Amigo! Deixa eu te ajudar com essas coisas. Comigo é mais barato que os taxistas do aeroporto.

Outros taxistas, os "oficiais" do aeroporto, já xingam o Pirata de longe. Acusam-no de estar trabalhando de forma irregular. Tentam alertar Maurício de que ele não deve financiar esse "tipo" de profissional. Todos falam ao mesmo tempo e Maurício se vê em uma situação confusa.

TAXISTA 1

Ô amigo, larga o garoto. Vai procurar trabalho no teu espaço.

TAXISTA 2

Moleque, não entra nessa.
Ele vai pegar seu dinheiro e
te largar no meio da rua. Ele
não é registrado. Pede pra
ver os documentos dele. Não
vai ter.

TAXISTA PIRATA

Não liga pra essa galera.
Vão cuidar do trabalho de
vocês!

Maurício é surpreendido por outro taxista que o puxa pelo braço. Os xingamentos ao Pirata se intensificam. O Pirata empurra Maurício pelo ombro, em passo acelerado, tentando chegar ao carro. Mais um taxista tenta tomar a bagagem de Maurício, que é levada pelo Pirata. O Pirata reage, tentando defender a bagagem.

Maurício que, até então, preservava uma expressão apática, precisa empurrar para se livrar dos taxistas que o puxam e tentam "conquistar" o cliente com a força física.

Maurício consegue pegar a bagagem de volta e sai em passo acelerado da aglomeração, que já envolve seguranças e chama a atenção do público em geral no aeroporto.

O Taxista Pirata fica para trás. É golpeado na face e cai no chão. Esmurra de volta, brigando como outro taxista, no que se torna o centro da confusão.

27 **INT. TAXI PIRATA - DIA**

Maurício, com olhar distante, está sentado no banco do carona. A expressão dele contrasta com o final da última cena. Lhe é devolvida a face neutra da cena do avião (cena 25).

Maurício mantém a mão para fora da janela ao lado, única aberta no carro. A mão relaxada balança no vento.

A boca do Taxista sangra. Ele tem que revezar as mãos entre o volante e um lenço que utiliza para estancar o sangramento.

O taxista, constrangido, pede desculpas:

TAXISTA PIRATA

Foi mal aí o que rolou. A galera tá perdendo a noção.

Maurício não responde, nem demonstra ter escutado. Continua com o olhar fixo em um ponto infinito.

TAXISTA PIRATA (CONT'D)

Foi mal mesmo. Não liga pros meus amigos. Eles tão muito criança.

O taxista percebe a janela aberta.

TAXISTA PIRATA (CONT'D)

Vou fechar o vidro. Põe a
mão pra dentro. O ar tá
ligado.

O vidro sobe do lado externo do carro. O rosto de Maurício é ocultado pelo vidro que reflete o exterior do carro, não havendo transparência.

28 INT. KITNET DE MAURÍCIO - DIA

No corredor do prédio de Maurício, a porta de sua kitnet está aberta. A passagem é um clarão no centro do corredor escuro.

Na kitnet, a tampa da mala de Maurício está levantada. Ele remove os cacos de vidro entre as roupas de uma garrafa de cachaça que quebrou. Maurício retira da mala duas garrafas que não quebraram. O cheiro forte da cachaça marca a expressão de repulsa de Maurício.

Maurício remove um amontoado de cacos, unidos por um rótulo de papel quase ilegível. As letras estão pouco nítidas no papel molhado:

"CACHAÇA DE BANANA"

29 **INT. CORREDOR DO PRÉDIO - DIA**

A porta do apartamento do vizinho é aberta. Maurício recebe o vizinho com uma garrafa de cachaça de banana, oferecendo-a em um gesto. A mão do vizinho pega a garrafa.

O rosto do vizinho não será revelado. A voz virá do extracampo e os enquadramentos evitarão seu rosto.

Enquanto Maurício e o vizinho conversam, uma gata branca vem à porta de dentro do apartamento. Ela roça nas pernas do vizinho, ronronando, e repete o movimento entre as pernas de Maurício.

MAURÍCIO

Eae, véi. Tá aqui. Valeu ter cuidado da Leni.

O vizinho demora a responder, sem saber o que falar por falta de assunto.

VIZINHO

Legal. Valeu. Se for pra pagar assim sempre, me põe pra cuidar mais da gata.

O corpo de Maurício aponta para a porta da kitnet que está aberta, sugerindo o fim do diálogo. Mas o corpo volta a apontar para o vizinho.

MAURÍCIO

Véi. O dia tá estranho. As coisas estão estranhas. Dando errado. Eu comprei três garrafas dessa. Percebi que uma já tava quebrada quando peguei a mala. Depois, os taxistas saíram no murro pra me levar. É uma pra você, outra pra mim, uma pro meu pai. Vou ficar sem, dessa vez.

Mais uma vez, o vizinho demora a responder.

VIZINHO

Pô. Você quer ficar com a minha?

MAURÍCIO

Não. Não é isso que quis dizer. Tá de boa. Relaxa. Tô indo agora nos meus pais. Vou almoçar lá. Depois a gente sai e faz alguma coisa.

Leni já não roça entre as penas de Maurício. Anda pelo corredor e entra na kitnet de Maurício.

30 **INT. COZINHA - CASA DE TONIN - DIA**

Maurício entra na cozinha, segurando a garrafa de cachaça. Tonin está cozinhando virado para o fogão, de costas para Maurício, que trava o passo, de onde está, ao examinar o aspecto estranho do corpo do pai: varizes se espalham pelas pernas inchadas; hematomas visíveis nos braços e pescoço.

O olhar de Maurício é distante. De tanto os olhos arregalarem, lacrimejam, sem que Maurício chore.

CORTA PARA:

FIM DA SEQUÊNCIA "CACHAÇA DE BANANA"

31 **INT. QUARTO DE MAURÍCIO - CASA DE TONIN - NOITE (CONT. CENA 23)**

Maurício já não finge dormir. Continua deitado na mesma posição: com a barriga para cima e as mãos cruzadas sobre o peito. Mas agora os olhos estão abertos, quase arregalados, mirando o teto. Não piscam.

Ainda toca *Hexagon*, do Aphex Twin, que envolveu toda a sequência "cachaça de banana".

MAURÍCIO

Eu queria que essa música
tivesse tocado lá, mais cedo.
Mas o velório não era meu.

Maurício senta na cama e a música vai diminuindo até acabar. Começa a próxima faixa do álbum, *Linchen*.

Com o olhar, Maurício investiga o rosto de Tonin. Se aproxima, sentando mais perto do pai. Olha de muito perto, respirando sobre a pele amarela do morto. Maurício toca o rosto do pai com as duas mãos, analisa-o, sem barba e sem bigode. Maurício ri, irônico.

MAURÍCIO (CONT'D)

Que engraçado só te ver sem bigode numa situação dessas. Eu já tentei tirar seu bigode de Freddie Mercury enquanto você dormia. Roncava, mas acordava pra segurar minha mão. Quando te vi sem bigode no cemitério, preferia não ter visto. Sempre quis te ver sem bigode. Mesmo que fosse só um dia, pra ver como que é, mas não era pra ser forçado. O serviço funerário poderia ter sido um pouco mais delicado. Que nos perguntassem como que você fazia a barba. Simplesmente foram lá e tiraram tudo.

(MORE)

MAURÍCIO (CONT'D)

Tem um valor simbólico que não respeitaram.

TONIN

Sonhei que estava no barbeiro. Era como um salão de beleza de cadáveres. Eu na cadeira do barbeiro, com o corpo todo travado. Meu corpo rígido, congelado. Só conseguia mexer os olhos. Enquanto isso, o barbeiro removendo minha barba e o bigode. Uma navalha afiada. Eu queria parar com aquilo, mas o corpo não me obedecia. Totalmente travado.

MAURÍCIO

Aposto que se você pudesse, virava a navalha no cara... pra salvar o bigode.

Maurício volta a deitar, mas agora de barriga para baixo, com a cabeça contra a cama. Sua fala torna-se abafada. Tonin deita no chão, com a barriga para cima e as mãos cruzadas sobre o peito. O *plongée-perfeito* põe pai e filho no mesmo quadro.

MAURÍCIO (CONT'D)

Que injusto nenhum
cachorro nosso ter vivido
mais que 5 anos. Morreram
sempre na primeira doença.
Você nunca soube lidar com
a possibilidade da morte. Eu
nunca vi nenhum dos
nossos cachorros morto.
Você sempre deu um jeito de
se livrar dos corpos antes
que eu pudesse ver. Parece
que não quer perceber que
se morrer não tem volta, daí
não leva a sério enquanto é
tempo. Dolly, Bingo, Garra,
Bob, Dino e agora é você que
morre. Depois de Dino, eu
não quis mais cachorro.
Agora a gente tem o Ozu.

TONIN

Como se gatos não
morressem.

MAURÍCIO

Dava para ter outro
cachorro. Já tenho
maturidade para salvá-lo de
você.

(MORE)

MAURÍCIO (CONT'D)

Posso levar ao veterinário sozinho. E posso pagar. É injusto que você tenha morrido cedo.

32 **INT. QUARTO DE MAURÍCIO - CASA DE TONIN - NOITE (CONT.)**

Dolores entra no quarto de Maurício, chorando. Ela para, de pé, ao lado de Tonin. Olha para baixo, para o filho deitado no chão. As lágrimas caindo sobre ele. Tonin se levanta, incomodado, e volta a sentar no pé da cama de Maurício.

Dolores senta ao lado de Tonin. Acomoda-se, empurrando Maurício com a bunda. Ela abraça o filho com força, sufocando-o. Ela chora no peito de Tonin. Dolores tenta retomar o diálogo que foi interrompido, quando Tonin esteve em seu quarto.

DOLORES

Tudo bem se Lavina não cozinha tão bem. Nessa casa se come mal quando ela faz a comida, ou Mariana. Essa, não sei como tem noivo.

Dolores desvia o olhar aos poucos para Maurício na cama, percebendo-o.

DOLORES (CONT'D)

E Maurício. Eu falei pra ele tirar essa barba. Esse bigode. Essa trancinha esquisita. Enquanto não arrumar isso, melhor não sair assim, vão pensar que ele tá puxando fumo. Não vai conseguir uma namorada. No máximo esmola na rua.

Enquanto Dolores fala de Maurício como se ele não estivesse presente, ele levanta da cama e vai ao banheiro do quarto.

33 **INT. BANHEIRO DO QUARTO DE MAURÍCIO - CASA DE TONIN - NOITE**

No armário da pia do banheiro, Maurício pega barbeador, espuma de barbear e uma tesoura. Recolhidos os objetos, Maurício fecha a porta do armário, revelando o reflexo no espelho do armário. Através do espelho, percebemos uma folha de madeira MDF apoiada na parede atrás de Maurício. Também percebemos Dolores e Tonin na cama.

A folha de MDF está recortada em formato de caixão.

34 **INT. QUARTO DE MAURÍCIO - CASA DE TONIN - NOITE**

Maurício arrasta um banquinho de madeira até o centro do quarto, de frente para Dolores e Tonin. Organiza os instrumentos (barbeador, espuma, tesoura) no chão, ao lado do banco. Ele senta no banco.

Dolores já não fala. O choro está mais intenso, assim como as secreções. A camisa de Tonin está molhada de lágrimas e catarro.

Maurício passa a espuma de barbear. Barbea-se lentamente e limpa a lâmina do barbeador nos pulsos. Maurício não se corta, mas faz questão de insinuar o risco, exibindo os pulsos sujos de espuma branca e pelos pretos.

Sem usar espelho, quando poderia ter melhor controle do ato de fazer a barba, Maurício se machuca, provocando pequenos cortes no rosto. O sangue vermelho vaza devagar, manchando a espuma branca.

Maurício encara Dolores durante toda a performance. Ela devolve o olhar, parando de chorar aos poucos. Tonin, apático, também olha diretamente para Maurício.

Maurício termina de fazer a barba e levanta a trança, segurando a ponta com uma mão. Sem hesitar, corta com a tesoura em um só movimento.

Maurício se levanta e amarra a trança cortada no pulso de Tonin, como uma pulseira.

Maurício volta a sentar na cadeira para encarar Dolores. Com uma toalha seca, limpa o rosto barbeado.

DOLORES

Eu gostei. Ficou mais parecido com gente. Tá mais parecido com o meu neto.

35 **INT. QUARTO DE MAURÍCIO - CASA DE TONIN (CONT.)**

Maurício continua imóvel pós-performance. Continua sentado sobre o banco de madeira, encarando Dolores. Tonin e Dolores, encarando Maurício.

Atrás de Maurício, a porta está aberta, revelando o corredor escuro. Lavina, uma silhueta entre poucas luzes, atravessa o corredor. O "corpo negro" volta, parando de frente para a porta, exatamente atrás de Maurício.

Lavina fala alto, para ser ouvida no quarto de Maurício e na sala. Não é possível perceber os lábios, nem o rosto de Lavina, devido à escuridão.

LAVINA

Vocês já comeram? Acho que vou pedir comida pra entregarem aqui. Vou pedir naquele restaurante aqui perto, ele é bom.

TONIN

Pedro já comeu. Eu fiz um sanduíche pra ele. Posso fazer pra todo mundo. Não precisa pedir comida de fora.

O ruído da geladeira, ininterrupto desde a cena 9, finalmente cessa. A interrupção do principal ruído de *background* torna o áudio uma troca entre falas e silêncios sem *bg*.

LAVINA

Não precisa. Eu vou pedir.

TONIN

A comida deles nem é boa.

LAVINA

A sua comida não é a única que serve. Eu gosto da comida de lá.

TONIN

Se o cozinheiro bom deles
tiver morrido, é provável que
o próximo seja ruim. Ou
melhor. Não dá pra saber.

36 **INT. COZINHA - CASA DE TONIN - NOITE**

A geladeira aberta preenche o plano. Pizzas,
lasanhas e empanados congelados lotam a geladeira,
como que armada para dias em que não se
cozinhará, nem se frequentará muito o mercado.

Maurício está sentado na mesa de jantar. Ele rabisca
em um *sketchbook*. O caderno recebe várias
anotações escritas de forma caótica com canetas de
diferentes cores. Maurício faz algumas anotações
sobre um desenho técnico de um caixão.

Os poucos não congelados são separados por Tonin:
cenoura, ovos, trigo, fermento e manteiga.

Dolores agarra um braço de Tonin enquanto ele
separa os ingredientes.

LAVINA

Tem muita coisa pra
cozinhar, mesmo. Talvez dê
pra fazer um bolo de
cenoura.

TONIN

Vamos fazer um bolo de
cenoura.

LAVINA

Jantar bolo de cenoura?

TONIN

Sim.

Lavina Não responde mais.

Contemplamos o "tempo real" do preparo dos
ingredientes que compõem o bolo de cenoura:

Lavina lava as cenouras com água e sabão; raspa a
casca das cenouras com uma faca e enxágua;
Lavina pega uma tigela e um ralador no armário da
cozinha e rala as cenouras.

Em paralelo à ação de Lavina, Tonin quebra os ovos
em outra tigela, um a um. Dolores, agarrada ao braço
do filho, atrapalha seus movimentos.

Enquanto está agarrada ao braço de Tonin, Dolores
fita Lavina, que rala as cenouras. Dolores se
aproxima, ficando de frente para Lavina, encarando-a
e recebendo o olhar de volta. Lavina estranha, mas
continua ralando. Dolores tenta tomar o ralador e a
cenoura de Lavina e mantém o contato com os olhos,
como em uma tentativa de persuadi-la com o olhar.

DOLORES

Deixa eu ajudar.

Dolores pede, tentando parecer generosa, quando gostaria de impor algo. Lavina respira fundo e para de ralar a cenoura.

LAVINA

Dona Dolores, por favor,
senta com Maurício. (*Para Maurício*) Fica com sua vó,
faz favor.

Dolores senta-se à mesa, sem relutar ao pedido, "obediente".

Vemos uma hélice metálica reluzente, limpa e polida. O plano fechado não permite saber do que se trata. Os ingredientes cobrem a hélice metálica: açúcar, ovos, cenoura ralada, trigo, fermento e manteiga. O liquidificador é ligado.

A mistura heterogênea vai ganhando uma só cor ao ser misturada no liquidificador. O barulho é intenso, de grande contraste com o silêncio que predominava.

A massa é colocada em uma forma untada. A massa é grudenta e parece um tecido que se desdobra, cobrindo a forma.

A forma é levada ao forno, enquanto o som a se destacar é o do teclado, vindo da sala.

37 **INT. SALA - CASA DE TONIN - NOITE**

Tonin, Lavina e Dolores ocupam o sofá, assistindo à TV muda. Novamente, Dolores agarra-se ao braço do filho. Tonin, no centro do sofá, separa Dolores de Lavina.

O gato continua na janela e Pedro continua no computador, digitando.

PROGRAMAÇÃO DA TELEVISÃO:

Na televisão, o mesmo programa sobre gatos: gatos correm em plantações de flores; gatos brincam com brinquedos com "catnip" e rolam no chão.

Maurício traz as peças em MDF do caixão que está construindo. As amontoa no chão, entre a TV e o sofá. Organiza cola, martelo e pregos, enquanto se defente:

MAURÍCIO

Eu tô fazendo isso mais por minha mãe que por você. Qualquer caixote desses, na loja, custa mais que o meu computador. Como eu não enterraria meu computador, não tem porque gastar em um caixão mais que gastei no meu computador e, em seguida, jogar ele fora.

(MORE)

MAURÍCIO (CONT'D)

Não faz sentido gastar tanto
em algo que vai ficar
debaixo da terra, servindo a
quem já tá morto.

Ninguém demonstra ouvir Maurício. A cena se
transforma em um monólogo.

MAURÍCIO (CONT'D)

Pô, foi mal, pai. Não deu pra
terminar a tempo.

Percebe-se o esforço de Tonin em continuar
concentrado na TV e não olhar para Maurício.

38 **INT. SALA - CASA DE TONIN - NOITE (CONT.)**

A voz de Maurício continua, em *voice over*, enquanto
galhos de figueira brotam por detrás dos móveis,
vindo do corredor. Os galhos crescem, tornam-se
vigorosos, nascem figos.

MAURÍCIO (V.O.)

Mas a culpa não é só minha,
né. Tu que antecipou o
funeral. Ninguém esperava
que fosse tão rápido. Nem
avisou. Mas tá tranquilo. O
seu caixão existe. Só preciso
dar uma calibrada na cola e
você entra.

Não há sincronia da fala com a boca de Maurício. Durante a cena, ele apenas se concentra em colar as partes do caixão, não movendo os lábios. Ninguém repara a figueira que cresce. A TV os distrai.

39 **INT. SALA - CASA DE TONIN - NOITE (CONT.)**

Maurício cola as partes do caixão e utiliza pregos para garantir que as peças permaneçam grudadas. Contemplamos Maurício colar algumas peças.

Mariana entra pela porta da sala, voltando da rua. Insegura sobre o salto, para, percebendo que o sofá, seu destino, está ocupado. O forno na cozinha apita, anunciando que o bolo está pronto.

O gato pula da janela no sofá. Ronrona atrás de Lavina, deitando perto de seu pescoço. O diálogo entre Tonin e Lavina se dará sem que troquem olhares, mantendo-se concentrados na TV.

LAVINA

Xanico, sai daqui. Depois
você pode ficar deitado na
minha cama. Sai, sai.

Dolores levanta para buscar o bolo na cozinha. Mariana senta no espaço vago e logo mira a TV.

TONIN

Tu não falava com o gato.

LAVINA

É. Tenho que falar com
alguém.

TONIN

Tão solitária. Já deu tempo
de aprender a língua dos
gatos? Só te deixei há 1 dia.

40 **INT. SALA - CASA DE TONIN - NOITE (CONT.)**

O bolo esfria sobre a mesa de centro com tampo de
vidro. O vapor sobe.

LAVINA (V.O.)

Seu corpo parou há 1 dia.

Maurício continua a colagem das peças do caixão.
Ele martela pregos nas peças. Um som intenso.

Dolores corta a eterna contemplação da TV muda:

DOLORES

Porque a morte de João
Carlos não te serviu de
exemplo? Dava pra ter
aprendido a valorizar a vida.

LAVINA

Eu sempre marquei
consultas. Ele que nunca ia.
Eu pagando.

DOLORES

Mas não era de uma mulher
hipocondríaca que ele
precisava.

Tonin interrompe as duas com a voz calma,
meditativo.

TONIN

Pera aí gente. Tô vendo aqui.

E Tonin continua olhando para a TV.

41 **INT. SALA - CASA DE TONIN - NOITE (CONT.)**

Lavina corta o bolo concentrada. Ela desce a faca com cuidado e, ao alcançar a bandeja, tira a faca. Concentra-se para não esfarelar o bolo. Faz algumas fatias de tamanho igual e as distribui em pratos de sobremesa. Cortado, o bolo revela o miolo amarelo.

Tonin coloca um prato com bolo sobre o teclado de Pedro. Distraído, Pedro chega a digitar sobre o prato. Tonin passa a mão sobre a cabeça raspado do filho – um carinho.

PEDRO

Obrigado, papai.

DOLORES

Aqui parece hotel.

Maurício e Tonin não comem o bolo. O prato de Maurício sobra na mesa de centro, enquanto ele continua trabalhando na colagem do caixão.

A TV preenche o quadro: vemos o programa de *pets* ao som das marteladas de Maurício.

Ozu come as migalhas de bolo que caem no chão. Alguns erram a boca, concentrados na TV, e deixam cair migalhas.

Dolores voltou a chorar. Tenta comer o bolo, enquanto chora. Lágrimas caem no bolo e caem no prato. Ela divide a atenção entre TV e o caixão, que já tem forma definida.

Olhando para o caixão e mastigando, Dolores beija a bochecha de Tonin. Ela suja a bochecha dele.

Pedro fotografa o bolo com a *webcam* e posta a foto no Facebook: "de cenoura".

O caixão está quase pronto. Maurício coloca os últimos pregos, de reforço. Faz retoques com cola. O caixão parece pronto. Maurício pega o celular no bolso e fotografa o caixão.

Lavina recolhe os pratos que já estão vazios e os empilha sobre a mesa de centro.

LAVINA

Eu não vou pagar seu taxi de volta, não. Uma pena ter vendido o carro para pagar o cheque especial. Gigante. Você ajudou o cheque ficar daquele tamanho.

Lavina sai, desaparecendo no corredor escuro.

42 **INT. QUARTO DE DOLORES - CASA DE TONIN - NOITE**

As mãos enrugadas de Dolores são vistas entre os intervalos de luz do pisca-pisca. Segurando firme um terço de madeira, Dolores passa as contas com os dedos. Ela reza dez Ave Maria, passando duas contas, e chega à conta maior, do "pai nosso", e reza.

Neste roteiro, é preservada a escrita repetida das 10 Ave Marias, afim de aproximar a sensação de duração e repetição pretendida para o filme.

DOLORES

Bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.

(MORE)

DOLORES (CONT'D)

Santa Maria, mãe de Deus,
rogai por nós, pecadores.
Agora e na hora da nossa
morte. Amém.

Dolores passa para a próxima conta.

DOLORES (CONT'D)

Ave Maria, cheia de graça, o
Senhor é convosco. Bendita
sois vós entre as mulheres,
bendito é o fruto do vosso
ventre, Jesus. Santa Maria,
mãe de Deus, rogai por nós,
pecadores. Agora e na hora
da nossa morte. Amém.

Passa para a próxima conta.

DOLORES (CONT'D)

Ave Maria, cheia de graça, o
Senhor é convosco. Bendita
sois vós entre as mulheres,
Bendito é o fruto do vosso
ventre, Jesus. Santa Maria,
mãe de Deus, Rogai por nós,
pecadores. Agora e na hora
da nossa morte. Amém.

Passa para a próxima conta.

DOLORES (CONT'D)

Ave Maria, cheia de graça, o
 Senhor é convosco. Bendita
 sois vós entre as mulheres,
 Bendito é o fruto do vosso
 ventre, Jesus. Santa Maria,
 mãe de Deus, Rogai por nós,
 pecadores. Agora e na hora
 da nossa morte. Amém.

Passa para a próxima conta.

DOLORES (CONT'D)

Ave Maria, cheia de graça, o
 Senhor é convosco. Bendita
 sois vós entre as mulheres,
 Bendito é o fruto do vosso
 ventre, Jesus. Santa Maria,
 mãe de Deus, Rogai por nós,
 pecadores. Agora e na hora
 da nossa morte. Amém.

Passa para a próxima conta.

DOLORES (CONT'D)

Ave Maria, cheia de graça, o
 Senhor é convosco. Bendita
 sois vós entre as mulheres,
 Bendito é o fruto do vosso
 ventre, Jesus.

(MORE)

DOLORES (CONT'D)

Santa Maria, mãe de Deus,
Rogai por nós, pecadores.
Agora e na hora da nossa
morte. Amém.

Passa para a próxima conta.

DOLORES (CONT'D)

Ave Maria, cheia de graça, o
Senhor é convosco. Bendita
sois vós entre as mulheres,
Bendito é o fruto do vosso
ventre, Jesus. Santa Maria,
mãe de Deus, Rogai por nós,
pecadores. Agora e na hora
da nossa morte. Amém.

Passa para a próxima conta.

DOLORES (CONT'D)

Ave Maria, cheia de graça, o
Senhor é convosco. Bendita
sois vós entre as mulheres,
Bendito é o fruto do vosso
ventre, Jesus. Santa Maria,
mãe de Deus, Rogai por nós,
pecadores. Agora e na hora
da nossa morte. Amém.

Passa para a próxima conta.

DOLORES (CONT'D)

Ave Maria, cheia de graça, o
 Senhor é convosco. Bendita
 sois vós entre as mulheres,
 Bendito é o fruto do vosso
 ventre, Jesus. Santa Maria,
 mãe de Deus, Rogai por nós,
 pecadores. Agora e na hora
 da nossa morte. Amém.

Passa para a próxima conta.

DOLORES (CONT'D)

Ave Maria, cheia de graça, o
 Senhor é convosco. Bendita
 sois vós entre as mulheres,
 Bendito é o fruto do vosso
 ventre, Jesus. Santa Maria,
 mãe de Deus, Rogai por nós,
 pecadores. Agora e na hora
 da nossa morte. Amém.

Ela alcança a conta maior, do pai nosso.

DOLORES (CONT'D)

Pai nosso que estais no céu,
 santificado seja o teu nome.
 Venha a nós o teu reino.
 Seja feita a tua vontade,
 assim na terra como no céu.

(MORE)

DOLORES (CONT'D)

O pão nosso de cada dia nos-
dai hoje. Perdoai as nossas
ofensas, assim como nós
perdoamos a quem nos tem
ofendido. E não nos deixeis
cair em tentação, mas livrai-
nos do mal. Amém.

43 **INT. SALA - CASA DE TONIN - NOITE**

PROGRAMAÇÃO DA TELEVISÃO:

A TV preenche quase todo o quadro, que ainda
permite Pedro no mesmo plano. O programa de pets
continua passando: planos contemplativos de gatos
dormindo em lugares inusitados duram na tela.
Mariana entra em quadro e desliga a televisão.

Tonin e Maurício estão no sofá. Olham para o caixão
concentrados, como outros estavam a pouco ao
assistir à TV muda.

MAURÍCIO

Você quer ir agora?

TONIN

Agora? Para onde?

MAURÍCIO

Para o cemitério.

TONIN

Sim. Melhor ir agora. É longe e vou a pé. Melhor sair agora.

MAURÍCIO

Leva uma pá. Queria te ajudar mais. Cavar pra você. Pra compensar alguma coisa que não sei, que não dá pra compensar. Mesmo não sabendo o que é, eu quero essa sensação de ajudar. Como uma pequena mentira. Uma pequena falsidade pra fingir que tá tudo bem, que nem tudo tá errado. Preciso fazer o caixão, fazer o buraco e fingir que não matei.

Enquanto Maurício fala, a geladeira religa, voltando a ser o som predominante.

44 **EXT. QUINTAL/RUA - CASA DE TONIN - NOITE**

Na fachada da casa, a luz dos postes pinta todo o ambiente no amarelo estilizado (o mesmo da cena 11). Maurício está tão amarelo quanto Tonin.

Tonin olha para o caixão no chão, enquanto Maurício seleciona e organiza instrumentos para a viagem do pai: pá e carrinho de mão.

Maurício segura a garrafa de cachaça de banana que estava na sala em uma das mãos. Hora ou outra dá um grande gole, tão automático que parece inconsciente. Ao longo da cena, percebe-se Maurício ficar mais "alto".

Cerca de 6 cachorros de rua trepam seus focinhos na grade que separa a casa da rua. São cachorros magros e sujos e alguns, machucados.

Maurício analisa como colocar o caixão sobre o carrinho, quando Dolores aparece. Ela carrega uma muda com algumas pimentinhas ainda verdes. Dolores chora enquanto fala, tornando difícil entender o que diz para Tonin, quando entrega a ele o pé de pimenta.

DOLORES

Quero que você leve esse pé
de pimenta. É biquinho. É
pra você plantar entre o seu
túmulo e o túmulo de João
Carlos. Enquanto eu for viva,
vou lá visitar vocês e regar.

Tonin pega o pé de pimenta de bico, Dolores também lhe entrega uma flanela e uma garrafa de detergente.

DOLORES (CONT'D)

É pra você limpar a lápide
do seu irmão.

Dolores beija Tonin na boca e volta para dentro de casa. É quando percebemos uma sombra que ronda a garagem aberta: Pedro. Com a saída de Dolores, Pedro resolve se revelar. Pedro se aproxima de Tonin lentamente até ficar de frente para ele, bem próximo.

Os corpos se tencionam: Pedro cheira Tonin e o observa de perto, quase o beijando. Pedro segura uma caneta hidrocolor em uma das mãos. Em um gesto, desenha um bigode em Tonin.

PEDRO

Eu não queria guardar essa
imagem sua sem bigode.

Maurício tenta, sozinho, colocar o caixão sobre o carrinho de mão, desequilibrando-se. Tonin se aproxima do caixão, mas fica parado diante dele, não demonstrando intenção de ajudar Maurício. Não percebemos quando Pedro saiu.

MAURICIO

Preciso que você levante
desse lado e me ajude a
colocar aqui em cima.

Tonin levanta o caixão com Maurício e, juntos, colocam-no sobre o carrinho de mão.

Cansado, Maurício bebe mais um grande gole da cachaça de banana.

Maurício amarra o caixão sobre o carrinho com uma corda.

Em um *plongée-perfeito*, Maurício "deita" a pá dentro do caixão, o cabo virado para baixo. Os outros objetos são colocados no carrinho com o caixão, Tonin já está pronto para partir.

Tonin sai pela porteira, empurrando o carrinho, entrando na rua. Os cachorros se atropelam, disputando o espaço perto de Tonin. Excitados, avançam sobre Tonin, pedindo carinho. Tonin faz cafuné em um ou outro cachorro, tentando minimizar a bagunça.

Maurício senta na calçada, zozzo. Ele pega no bolso de trás o celular, ao perceber que sentava sobre ele. Maurício encontra um vídeo no celular e estende o braço para frente, para mostrar ao pai: o celular é enquadrado, em uma referência aos enquadramentos já feitos com a televisão.

NO VÍDEO DO CELULAR:

Maurício brinca com OZU. O gato está no chão e Maurício na cama. Quando Maurício empurra a ponta de um lápis para fora da cama, o gato pula tentando pegar o lápis, Maurício puxa para si rapidamente.

Ouvimos a voz de Tonin falar alguma coisa, fora do quadro. O vídeo acaba, congelando o *frame*, com o gato em movimento, um borrão branco.

MAURÍCIO

Eu tô com esse celular há 1 ano. Tem umas 1000 fotos. Fiz imagem do gato, de pizza, de risoto, de pés, mãos e não tem nada seu. Só sua voz que sobra em um ou outro vídeo. Você também não tá no meu facebook. Só os seus pratos.

TONIN

Já era pra você ter parado de beber. Não sabia que você bebia.

Maurício continua, como se Tonin não tivesse falado. A embriaguez, em Maurício, já é nítida.

MAURÍCIO

Eu tenho a impressão de que você não vai atender aos meus telefonemas.

(MORE)

MAURÍCO (CONT'D)

Daí eu vou ligar várias vezes, e vai tocar até cair no "deixe seu recado após o bipe", e a vizinha vai falar que isso será cobrado. O bipe vai tocar, eu não vou falar nada, a ligação será cobrada, e você não vai ouvir esse nada.

Os cachorros já estão mais calmos. Alguns, sentados no chão. Tonin permanece indiferente.

45 **EXT. RUA - NOITE**

Tonin vaga descalço pelas ruas vazias, amarelas com as luzes dos postes. Os cachorros o escoltam. Sem pressa, Tonin empurra o carrinho de mão pesado e ainda é possível ouvir o ruído da geladeira.

Contemplamos Tonin arrastar o caixão ao longo de uma rua inteira, lentamente. Virando uma esquina, um carro preto surge e segue Tonin ao lado, acompanhando na mesma lentidão. O vidro escuro abaixa, Mariana aparece no lado do carona.

Quem dirige é o namorado de Mariana, mas este é mais uma personagem que não terá a face revelada.

Mariana fica olhando o pai e não fala nada. O carro acaba não aguentando andar tão lentamente e "morre".

Mariana desce do carro e segura o carrinho de mão para que Tonin pare. Ela desamarra o caixão e levanta um dos lados, sugerindo que Tonin levante o outro.

46 **EXT. RUA DA CASA DE TONIN - NOITE**

Em um *plongée-perfeito*, vemos Maurício espalhado no asfalto em frente a casa. A garrafa de cachaça, caída, ainda derrama.

Maurício levanta, ainda tonto, e desloca-se até um poste. Ele urina durante minutos e contemplamos toda a ação. O som agudo da urina parece mais amplo na madrugada silenciosa.

47 **INT. CARRO DO NAMORADO DE MARIANA - NOITE**

Tonin se espreme no banco de trás do carro, dividindo espaço com o caixão que atravessa o banco e sai pelo porta-malas com a tampa aberta.

Mariana segura a mão do namorado, cujo rosto é ocultado em sombras. Ele dirige com uma só mão no volante e a outra com Mariana. Tonin observa o encontro das mãos fixamente.

48 EXT. CEMITÉRIO - NOITE

Ouvimos o carro distanciar-se fora de quadro, enquanto Tonin limpa a lápide do irmão. As palavras se revelam entre um reflexo e outro na peça metálica que passa a reluzir, quando limpa. "Deus", "proteja", "paz", "amigos", "família", "esposa", "mãe", "filhos", "Senhor" são palavras que surgem com a limpeza de Tonin.

Tonin planta a muda de pimenta entre cogumelos que se espalham próximos a uma figueira que cobre os dois túmulos: o de João Carlos, um túmulo "normal"; e o de Tonin, as marcas de fita branca sobre a grama.

Tonin cava lentamente com a pá grosseira, operando-a com pouca força. Ele respeita os limites propostos pelas marcas em fita branca.

Tonin desiste de cavar, conseguindo apenas uma cova rasa de nível irregular.

49 INT. COZINHA DA CASA DE TONIN - NOITE

Maurício está sentado na mesa de jantar, meditando sob o ruído da geladeira. Maurício "pesca", não resistindo ao sono. Os olhos dele vão se fechando, enquanto o ruído da geladeira transforma-se em uma música *lo-fi*.

Dolores entra na cozinha, Maurício desperta e o ruído da geladeira volta ao normal.

Dolores coloca uma leiteira com água no fogão. Enquanto a água esquenta, Dolores organiza os outros instrumentos para a feitura do café: coloca um coador de pano sobre uma xícara em um pires. Também separa uma jarra térmica.

Dolores olha a água, que já está fervendo. É o sinal que esperava para colocar o pó de café no coador. Ela despeja a água quente no coador. Quando a xícara se completa de café, Dolores substitui com a jarra sob o coador.

Maurício, sentado à mesa, acompanha o ritual inusitado de Dolores.

Enquanto o café é coado e derrama na jarra térmica, provocando um som agudo que compete com o da geladeira, Dolores leva a xícara cheia a um santo negro em um canto atrás da geladeira. Compõe com o santo uma muda de figueira e uma vela de novena. O ruído da geladeira é o mais intenso, até então.

Para acompanhar a avó até o Santo, Maurício teve que levantar, movido pela curiosidade. Sem que ele pergunte, Dolores explica:

DOLORES

A primeira xícara de café que faço todo dia, às 5 da manhã, vai para São Benedito. Agora que ele tá servido, a gente também pode beber.

50 INT. COZINHA DA CASA DE TONIN - NOITE

Maurício e Dolores sentam à mesa em extremos, um de frente para o outro. As xícaras de café estão servidas e, entre os dois, a bandeja com 1/3 do bolo de cenoura.

Ambos bebem sem perder o contato visual. Encaram-se. O ruído da geladeira se transforma lentamente na música *lo-fi*, uma referência direta a faixas do "Selected Ambient Works vol. II", que toca na cena 23. A transformação do ruído em música, que foi interrompida na cena anterior, agora se completa. A música durará até o final dos créditos.

51 EXT. CEMITÉRIO - NOITE/AMANHECER

O caixão está encaixado no buraco limitado pelas marcas de fita branca como uma peça de lego. A cova rasa e desnivelada faz a parte de cima do caixão entrar mais profundamente na terra que os pés.

Tonin evita se movimentar e o desnível faz sua cabeça se comprimir contra o topo do caixão. A madeira range, evidenciando rachaduras.

Tonin puxa a tampa do caixão, ao lado, sobre a grama. A tampa não encaixa perfeitamente, permitindo ver a lua cheia através de uma frestinha.

Em um movimento de CÂMERA, vemos que o horizonte já é claro, permitindo o sol e a lua simultaneamente no céu.

A luz natural torna-se mais intensa e os postes apagam.

Percebe-se uma sutil diferença na respiração de Tonin, mais acelerada.

A respiração de Tonin para.

Os olhos congelam.